

“MI COMPRA IOIÔ”: UMA ANÁLISE DO CONTO “CLÓ”, DE LIMA BARRETO

“MI COMPRA IOIÔ”: AN ANALYSIS OF THE SHORT STORY “CLÓ”, FROM LIMA BARRETO

Marcos Vinícius Teixeira*

RESUMO: Publicado no livro *Histórias e sonhos*, em 1920, o conto “Cló”, de Lima Barreto, traz a história de uma camaradagem entre um deputado rico e um velho professor de piano que sobrevive com alguma dificuldade durante o período da Primeira República. O tratamento dado ao enredo é sugestivo e reticente, havendo visível ambiguidade na constituição dos personagens. A sua construção literária também se torna complexa por apresentar um final aberto, o que permite diversas interpretações. O propósito deste artigo é analisar o conto “Cló”, considerando-se um trânsito entre as principais tensões encontradas na narrativa. Espera-se demonstrar, como interpretação possível, que tudo se estrutura como uma negociação, na qual a família do velho professor é conivente e espera obter alguma vantagem do político rico, em uma época de difícil ascensão social.

PALAVRAS-CHAVE: Lima Barreto. Conto. Primeira República.

ABSTRACT: Published in the book “Stories and Dreams”, in 1920, the short story “Cló”, from Lima Barreto narrates the camaraderie between a rich representative and an old piano teacher, the latter who survives with some difficulty during the First Republic. The plot is developed in a suggestive and reticent manner, showing the ambiguity in the character construction. Its literary structure is also complex for presenting an open-end, which allows for various interpretations. This article aims to analyze the short story “Cló”, considering the transit between the main tensions found on the narrative. It intends to demonstrate, as a possible interpretation, that everything is structured as a negotiation, with the approval of the old teacher’s family, which aims to obtain some advantage from the rich politician, in times of difficult upward mobility.

KEYWORDS: Lima Barreto. Short Story. First Republic.

* Doutor em Literatura Brasileira pela Universidade de São Paulo (USP) e professor dos cursos de Letras e do mestrado acadêmico de Letras (PPGLetras) da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS). E-mail: marcosteixeira@uems.br.

No conto “Cló”, de Lima Barreto, temos a história de uma camaradagem entre o protagonista, o velho Maximiliano, e o doutor André, deputado por uma “feitoria mansa do Norte” (p. 169). A relação entre eles parece dependente de uma terceira personagem, Cló, filha do primeiro, que demonstra interesse pelo deputado, embora saiba que ele é um homem casado. O conto se passa no Rio de Janeiro em uma segunda-feira de carnaval. O enredo pode ser dividido em duas partes: a primeira registra o encontro entre Maximiliano e o deputado, num estabelecimento comercial, onde bebem e conversam; já a segunda parte narra a visita do doutor André à casa do pai de Cló. O conto é marcado por diversas ambiguidades que atribuem um aspecto enigmático à personalidade do protagonista, permitindo, inclusive, interpretações variadas. Instaura-se a dúvida sobre quem recai o interesse maior na possível relação entre Cló e André: se advém de Cló, do próprio deputado ou de Maximiliano. O propósito deste estudo é mostrar que uma leitura possível do conto permite ver o protagonista como alguém que intermedia a relação entre André e sua própria filha Cló, almejando uma ascensão financeira. Para isso, age com oportunismo e não se atém a regras sociais pré-estabelecidas.

É possível perceber uma série de tensões no conto “Cló” e é importante listá-las aqui: carnaval de rua *versus* o baile de fantasia na casa dos Silvas; os menos abastados *versus* os ricos; música popular *versus* música instrumental (piano); a rua *versus* o espaço doméstico; a fantasia de escrava *versus* evocação da imagem do Rei Salomão; entre outras. Essas tensões se relacionam à divisão de classes própria da sociedade fluminense da Primeira República. Se, por um lado, há uma nítida perspectiva dualista, por outro lado, uma abordagem que considere a ideia de uma transição entre as partes distintas parece oferecer uma possibilidade interpretativa válida. Assim, parte dessas tensões podem ser vistas com um trânsito entre elas, que caracteriza aqui a terceira via.

Assim consideradas, o velho Maximiliano passa a ocupar posição de trânsito entre a classe menos abastada e o universo dos mais ricos. Mais do que isso, pode ser observada que o transitar lhe parece possível, ainda que os meios possam ser questionados. Essa possibilidade de leitura explica que ele critique o carnaval de rua e o narrador aponte para uma “multidão que desce dos arrabaldes, dos subúrbios, das províncias vizinhas...” (p. 166), para em seguida registrar que o protagonista “contudo não se sentia deslocado”. Por outro lado, Maximiliano, em seu íntimo, como é possível afirmar, deseja que o doutor André se torne seu genro, mas a narrativa, ao mesmo tempo, diminui o deputado:

Lamentava-se que ele fosse um bacharel vulgar e um deputado obscuro. A sua falta de agilidade intelectual, de maleabilidade, de ductilidade, a sua fraca capacidade de abstração e débil poder de associar ideias não pediam fosse ele deputado e bacharel. Ele seria rei, estaria no seu quadro natural, não na Câmara, mas remando em ubás ou igaras nos nossos grandes rios ou distendendo aqueles fortes arcos de iri que despejam frechas ervadas com curaro.

Era o seu último amigo, entretanto o mais constante comensal de sua mesa luculesca.

Deputado, como já ficou dito, e rico... (BARRETO, 1920, p. 50)¹

A narrativa, no fragmento citado, apresenta inicialmente uma visão crítica ao universo político da época. Trata-se do período da Primeira República, no qual as oligarquias dominam o poder. Os partidos estaduais, como nos ensina Boris Fausto (2004, p. 262), combinavam candidaturas únicas ou garantiam, pelo sistema eleitoral da época, as vitórias de seus candidatos. O voto, que não era secreto, estava sujeito aos interesses dos chefes políticos, os coronéis, e o processo eleitoral sujeito a diversas fraudes. Depreende-se, pelo fragmento, que Lima Barreto registra, literariamente, a sua crítica ao sistema da época, denunciando uma estrutura de poder que preservava a riqueza de poucos e defendia o interesse de famílias poderosas do país.

O fragmento é significativo pois reconhece a importância do doutor André, que é rico e deputado, mas denuncia que ele não chegaria a essa posição se dependesse de seu próprio empenho e capacidade. A afirmação, aliás, de que possui “fraca capacidade de abstração e débil poder de associar ideias”, nos remete à famosa fala do pai de Janjão no conto “Teoria do medalhão”, de Machado de Assis, quando, ao explicar sobre o que é ser medalhão, caracteriza o filho como alguém dotado de “perfeita inópia mental, conveniente ao uso deste nobre ofício” (ASSIS, 2005, p. 88). Apesar de o momento histórico ser outro, os conselhos que o pai fornece a Janjão, repletos de ironia, podem ser aproximados à figura do deputado, em “Cló”, que, com pouco esforço, alcançou posição de destaque em sua época.

Ressalvadas as especificidades de cada momento histórico, o deputado André seria uma espécie de medalhão, beneficiado pelas condições que lhe foram fornecidas pela Primeira República. A reflexão crítica, aqui registrada no personagem que é favorecido com uma posição privilegiada sem merecê-la, pode ser encontrada ao longo de toda a obra do escritor Lima Barreto. Nesse sentido, é válido recorrer à tese “Bagatelas e Marginália: cultura intelectual e revide ao Poder nas crônicas de Lima Barreto”, de Dirlenvalder do Nascimento Loyolla, que estudou as crônicas e artigos do autor procurando compreendê-lo como um intérprete de sua época, como um intelectual que pensa sobre o seu tempo. Loyolla realiza uma leitura aguda ao trabalhar com a ideia de uma “república teatral”, em que os poderosos recorrem a certo fingimento para demonstrar a sua falsa preocupação com as pessoas comuns ou com os menos favorecidos. Teatralidade vista na própria rotina das ruas do Rio de Janeiro, que se afrancesou para parecer nobre, desalojando famílias e agindo de forma refratária com parte da população. Dimensão que é percebida pelo crítico na visão de Lima Barreto, que soube denunciar um político como Pereira Passos, que propõe, por exemplo, a construção do Teatro Municipal do Rio de Janeiro, afirmando se tratar de uma “educação artística do povo” (LOYOLLA, 2014, p. 36), mas que na prática favoreceu apenas a elite fluminense e beneficiou sua própria família,

¹Atualizou-se a ortografia em todas as citações do conto “Cló” que foram extraídas da primeira edição do livro *Histórias e sonhos* (1920).

uma vez que a construção foi entregue ao vencedor de um concurso que curiosamente era o próprio filho do prefeito.

No estudo de Loyolla, muitas afirmações poderiam ser direcionadas ao político do conto “Cló”.

O que chama a atenção de Lima Barreto em relação aos brasileiros ilustrados de seu tempo é o fato de que a classe intelectual parecia interessar-se muito mais pelas aparências (poder econômico, títulos) do que pela essência das coisas (espírito, inteligência). Isto é, o Brasil seria um lugar onde *fingir ser* é mais importante ou vale tanto quanto *realmente ser* . Fazendo uso dessa ideia, ele iria atacar, por anos a fio em sua crônica jornalística, a figura antipática do “Doutor”, já que, no país, a noção de intelectualidade parecia mesmo girar em torno de valores como *dinheiro* e *títulos* . Para Barreto, todos os doutores [bacharéis] no Brasil achavam-se mesmo no direito de receber privilégios, honras, garantias e isenções tão somente pelo fato de que carregavam consigo (atados ao título) muito saber e cultura; entretanto, afirma o próprio cronista que entre cem doutores somente dez ou vinte sabiam razoavelmente alguma coisa; tais homens, no geral, seriam quase sempre, “além de medíocres intelectualmente”, também ignorantes “de tudo o que *fingiram* estudar” (BAG., p. 40, “A superstição do Doutor”, grifo nosso). O autor também chama a atenção para o fato de que aquilo que os antigos chamavam de *humanidades* era completamente ignorado por eles, os quais permaneciam preocupados tão somente com o fingimento de erudição sustentado pelo título de bacharel que possuíam. (LOYOLLA, 2014, p. 29)

Esta sociedade profundamente dividida entre privilegiados e desfavorecidos, na qual os personagens doutor André e o velho Maximiliano são exemplos, também foi abordada por Lilia Moritz Schwarcz no estudo “Lima Barreto: termômetro nervoso de uma frágil República”, publicado como introdução à edição dos contos completos do autor. A pesquisadora abarca várias questões de grande importância para o momento histórico vivido por Lima Barreto, abordando questões biográficas essenciais para o seu universo literário e para a compreensão dessa época. “Primeiro autor brasileiro a se reconhecer e definir como literato negro” (SCHWARCZ, 2010, p. 22), escreve Schwarcz, lembrando que o escritor, menino, reteve na memória a notícia da abolição e depois se deparará com uma época refratária, que pouco realizou da simbologia que apresentara. A Primeira República ficou marcada por uma rígida desigualdade social e econômica. Lima Barreto compreendeu a sua época e utilizou a literatura para denunciá-la e refletir sobre ela. Por isso, como a pesquisadora aponta, é preciso recorrer às informações biográficas, pois elas, assim como a própria época, participam da economia interna de suas obras.

No caso dele [Lima Barreto], há uma consciência social que perscruta toda a obra: não poucas vezes conclui pela existência de uma repartição desigual da sorte, avalia a injustiça dos privilegiados e aquilo que considera ser uma profunda indignidade social. Na obra do escritor, essa sensação de desterro intelectual parte de uma vivência pessoal profunda, cravada no destino familiar e íntimo, mas ganha respaldo numa avaliação crítica da política e economia da época. Talvez seja por isso que a ascensão social é tratada em sua obra não só como aspiração, mas, sobretudo, como uma impossibilidade (SCHWARCZ, 2010, p. 25).

A impossibilidade de ascensão social, latente na Primeira República, está presente, como ideia, na constituição do protagonista do conto “Cló”, de Lima Barreto. Não havendo como subir socialmente, o velho Maximiliano se mantém próximo de um político rico, o doutor André, que se tornou o seu “último amigo” e o mais constante comensal a frequentar a sua casa.

Se as relações de poder estão demarcadas no período da Primeira República, havendo pouco espaço para qualquer ascensão para o protagonista e sua família, resta a este agir pelas brechas do sistema, buscando transitar entre a sua posição e a de alguém que esteja acima. A atuação do protagonista permite relacioná-lo a um símbolo recorrente no conto: a imagem do jacaré. O animal, lembremos, possui habitat misto, transitando entre a água e a terra. Animal de hábito noturno, sai da água durante o dia para tomar sol. Sua simbologia se identifica com a do crocodilo e a do aligátor. No Egito antigo, conforme Chevalier e Gheerbrant, eram tomados como seres monstruosos: “os olhos do crocodilo indicam o nascer do dia; sua goela, um assassinio; sua cauda, as trevas e a morte” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2020, p. 363). Entre o dia e a noite, entre a água e a terra, sua simbologia está marcada pela transição:

Sua posição de intermediário entre os elementos terra e água faz do crocodilo o símbolo das contradições fundamentais. Ele se agita na lama, de onde surge uma vegetação luxuriante: nessas condições, ele é símbolo da fecundidade. Mas devora e destrói, saindo de súbito da água e dos caniços: nessa capacidade, é o demônio da malvadez, o símbolo de uma natureza viciosa. (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2020, p. 364)

No conto, encontramos a imagem do jacaré dominando as preocupações do velho Maximiliano, especialmente na primeira parte da narrativa. Tentando ganhar um dinheiro de forma mais fácil, o protagonista havia jogado no jacaré, no jogo do bicho, vindo a perder o dinheiro que jogou e o que sonhou: “O ‘jacaré’ não dera e muito menos a centena. Esse capricho da sorte tirava-lhe a esperança de um conto e pouco — doce esperança que se esvaía amargosamente naquele crepúsculo de galhofa e prazer” (BARRETO, 1920, p. 48). Se tivesse acertado no jogo, o velho professor teria alguns dias de tranquilidade e poderia comprar o vestido desejado por Cló. O termo é mencionado pelo menos cinco vezes no conto e se mantém como preocupação do protagonista em alguns parágrafos.

O símbolo do jacaré, aqui tomado como o trânsito entre dois ambientes ou dois universos, ajuda a caracterizar a função do personagem Maximiliano no conto. Ele nunca aparece em posição central. No início, assiste às manifestações do carnaval, cumprindo uma espécie de roteiro comum aos seus dias. Depois, ocupa posição secundária em sua própria casa, diante da sensualidade da filha e da presença do rico deputado. No entanto, é aquele que transita entre os dois ambientes e que conduz o deputado até a própria filha. O trânsito, como já dissemos, possui relação com a busca por uma ascensão financeira.

A busca ocorre porque as condições em que vive não são boas. Já mencionamos que ele é um velho professor e que possui dificuldades para garantir uma vida melhor para a filha, embora possua piano em casa e uma formação que o coloca acima dos mais necessitados. Em diálogo com o doutor André, ele se revela do seguinte modo:

- Deu aula hoje?
— Não. Desci para espairer e *cavar*. É dura esta vida... *Cavar!* Como é triste dizer-se isto! Mas que se há de fazer? Ganha-se uma miséria... Um professor com oitocentos mil-réis o que é? Tem-se a família, representação... uma miséria! Ainda agora, com tantas dificuldades, é que Cló deu em tomar banhos de leite...
— Que ideia! Onde aprendeu isso?
— Sei lá! Ela diz que tem não sei que propriedades, certas virtudes... O diabo é que tenho de pagar uma conta estúpida no leiteiro... São banhos de ouro, é que são! Jogo nos bichos... Hoje tinha tanta fé no “jacaré”... (BARRETO, 1920, p. 53)

A carestia do personagem, no entanto, deve ser vista com alguma reserva, pois, se de um lado parece haver franca necessidade financeira, por outro, a presença de Maximiliano no estabelecimento comercial poderia ser entendida como o próprio ato de “cavar”, que aqui estaria ligado ao ato de esperar pelo comparecimento do deputado, de quem pode conseguir algum dinheiro e talvez até o casamento com a filha. Ao revelar que perdeu no jogo, o deputado pergunta se ele quer algum dinheiro:

- Se quer?...
— Por quem é, meu caro; deixe-se disso! Então há de ser assim todo o dia?
— Que tem!... Ora!... Nada de cerimônias; é como se recebesse de um filho...
— Nada disso... Nada disso...
Fingindo que não entendia a recusa, o doutor André foi retirando da carteira uma bela nota, cujo valor nas algibeiras do dr. Maximiliano fez-lhe esquecer em muito a sua desdita no “jacaré”. (BARRETO, 1920, p. 53-54)

A cena, que poderia soar como um gesto de generosidade do deputado, deve ser lida de outro modo. Observe-se que o deputado insinua a possibilidade de um parentesco ao mesmo tempo em que entrega o dinheiro ao velho professor. Este nos revela, por sua vez, que a prática de receber dinheiro do político é frequente, permitindo entrever um jogo entre ambos, em que a filha faz parte de uma negociação passível de crítica. Na mesma ocasião, Maximiliano faz dois convites ao doutor André: ir a um baile à fantasia na casa dos Silva com sua filha e jantar com eles naquele mesmo dia.

Além da ideia de uma negociação feita que envolve a própria filha, também surpreende no conto que Cló pode fazer parte de um dos lados da negociação. Assim, quando o velho professor chega em casa, a primeira pergunta que ela lhe faz é se o deputado irá ter com eles. Lembremos que Cló, como filha de Maximiliano, a quem já aproximamos da imagem do jacaré, inventou de tomar caros banhos de leite, o que também parece ser uma caracterização intencional de uma personagem que busca o trânsito para outra classe social.

O dinheiro recebido pelo velho professor parece um pagamento para uma situação que aos poucos vai se desenhando para o leitor. Pouco antes, após receber elogios e ser convidado para jantar, o doutor André afirma que uma “espécie de força” o “prende aos seus”, dizendo, em seguida, que é algo que está acima dele, que é “alguma coisa a mais que os senhores puseram na minha vida...”. A afirmação é interrompida por Maximiliano que o corrige afetuosamente dizendo “à nossa”. Assim, um jogo de camaradagem vai sendo revelado e o conto vai ganhando uma dimensão que pode ser associada à da negociação, em que um tem a posse da mulher cobiçada e o outro é rico. Mas Cló, como veremos, parece ser favorável a esse jogo. Relacionado a um negociante, o nome do personagem ganha significação curiosa, pois Maximiliano pode ser relacionado ao verbo maximizar e, nesse sentido, valorizar o que possui, obter vantagem financeira na relação entre o deputado e a sua filha.

De qualquer modo, o discurso e as atitudes de Maximiliano são sempre marcados pela dúvida. A voz do narrador, ao contrário, revela mais do que o próprio personagem. É por ela que sabemos que Cló espera se casar com o deputado, ainda que por uma religião nova, chamada “do Sol”, fundada por um agrimensor desempregado. Já o velho professor parece não opinar, mas aceitará o casamento desde que haja qualquer benção. A cena em que recebe dinheiro, no entanto, e saber que o recebe com frequência, permite-nos supor que a ambiguidade presente no velho professor é um mecanismo para ganhar dinheiro e buscar uma situação financeira melhor na vida, mesmo que isso envolva a sorte de sua própria filha.

Se assim entendido, a visão que Maximiliano possui da filha, intermediada pela voz narrativa, ganha nova significação. Vejamos o fragmento:

Pensou, então, em sua filha, Clodia — a Cló, em família — em cujo temperamento e feitio de espírito, havia estofado de um[a] grande hetaira. Lembrou-se com casta admiração de sua carne veludosa e palpitante,

do seu amor às danças lúbricas, do seu culto à *toilette* e ao perfume, do seu fraco senso moral, do seu gosto pelos licores fortes; e, de repente e por instantes, ele a viu coroada de hera, cobrindo mal a sua magnífica nudez, com uma pele mosqueada, o ramo de tirso erguido, dançando, religiosamente bêbeda, cheia de fúria sagrada de bacante: *Evoé! Baco!* (BARRETO, 1920, p. 49)

A organização do conto se faz de forma curiosa. O velho professor nos é apresentado tomando várias garrafas de cerveja, sozinho, observando o carnaval de rua. Vamos, então, acompanhando o seu olhar e as suas preocupações. Após ver Eponina, “a mais linda mulher pública da cidade”, que possui um “olhar de abismo, cheio de atrações, de promessas e de volúpia”, passa a pensar em sua filha e lemos o fragmento acima em que Cló aparece sedutora, embora seja vista ou lembrada pelo próprio pai. Aliás, a identificação de uma herança estrangeira em Eponina encontra eco ao investigar de quem Cló teria herdado a sua “floração exuberante de fêmea humana”. Lembrar de Cló, da forma em que ocorre, após ver moças e observar Eponina, é bastante significativo. Com esta organização, o leitor se depara com um olhar lascivo, que engrandece a beleza do corpo da filha e lhe atribui ou lhe reconhece um “fraco senso moral”. A passagem é perturbadora e pode dar margem a variada interpretação. No entanto, se tomarmos o protagonista tal qual o viemos considerando, poderemos interpretar a visão do velho Maximiliano como a de um negociante, embora se trate, como dissemos, de sua própria filha. Assim, a aparição de Cló com uma “magnífica nudez” pode corresponder à possibilidade de um grande negócio a ser feito com um político rico. Já o fato de sua filha possuir um “fraco senso moral” lhe é conveniente, pois o doutor André é casado.

Enquanto bebe com o político, outra mulher na cena parece dizer algo sobre o possível destino de sua filha Cló. Trata-se de Mme. Rego da Silva que comparece no estabelecimento na companhia de seu marido e de uma amiga chamada Dulce, que, na boca do povo, é considerada “amante de ambos”. Quando os três passam, algumas vozes sussurram “*ménage à trois*”, mas doutor André não compreende a expressão francesa. A cena, no entanto, parece apontar para um futuro possível em relação à Cló, pois, casando-se por uma religião nova, poderia manter uma vida dupla com o marido, que teria duas esposas, no caso de o primeiro casamento ser preservado, claro. A caracterização da personagem como uma “grande hetaira” é reveladora pois se trata de termo marcado por ambiguidade. Os dicionários registram a palavra como uma cortesã, mas também como “prostituta elegante e distinta”.

Na sequência é que temos a conversa entre o doutor André e o velho Maximiliano, aparecendo a cena do dinheiro a que já nos referimos. O leitor se depara, então, com indícios de que há uma relação qualquer entre o deputado e Cló, embora nada seja afirmado claramente. Não sabemos, assim, se se trata de um desejo do político ou se há algo mais ocorrendo de forma encoberta. Os homens se despedem com a promessa de que Maximiliano receberá o amigo em sua casa mais tarde.

Na casa do velho professor, antes da visita de doutor André, a família conversa acerca de uma questão moral.

Quis Maximiliano ser severo; quis apossar-se da sua respeitável autoridade de pai de família; quis exercer o velho sacerdócio de sacrificador aos deuses Penates; mas era cético demais, duvidava, não acreditava mais nem no seu sacerdócio nem no fundamento de sua autoridade. Ralhou, entretanto, frouxamente:

— Você precisa ter mais compostura, Cló. Veja que o doutor André é casado e isto não fica bem.

A isto, todos entraram em explicações. O respeitável professor foi vencido e convencido de que a afeição da filha pelo deputado era a coisa mais inocente e natural deste mundo. Foram jantar. A refeição foi tomada rapidamente. (BARRETO, 1920, p. 56)

O fragmento, que poderia ser usado para defender uma posição de adequação do velho professor às normas sociais vigentes, parece revelar o contrário. Inicialmente percebemos, já na forma como se narra, uma tensão entre o querer agir em prol de convenções sociais e a descrença em fazê-lo. Assim, a ponderação sobre o fato de o deputado ser casado parece não o incomodar. O que assistimos na sequência é bastante surpreendente, pois há um consenso de que a afeição de Cló pelo doutor André é algo inocente. Pela interpretação que propomos, podemos tomar a concordância da família em relação aos sentimentos da personagem como um acordo velado que ultrapassa a mera ingenuidade. A cena é exemplar e poderia ser tomada como uma amostra de toda a narrativa pelo que nos permite perceber de estrutura interna. Observe-se que se trata de um jogo do contraditório, onde um, o protagonista, sente a necessidade de propor algo que não quer que se concretize. O mesmo pode estar ocorrendo com os demais parentes que, com as tintas da ingenuidade, podem estar escondendo um negócio socialmente reprovável. Temos assim um conto que se organiza internamente pela dimensão da negociação. Se a posição familiar diminui o peso da negociação na qual Maximiliano se vê envolvido, uma vez que pode ser lida como consentimento, ela parece também responsabilizá-lo ao mesmo tempo de forma ainda mais relevante.

As atitudes veladas perpassam todo o conto. O deputado, ao comparecer à casa do velho Maximiliano, traz presentes para dona Isabel, esposa deste, e para Cló. Diante do vislumbre da primeira, afirma que são joias falsas e que as comprou porque sabia que iam fantasiadas ao baile de carnaval. Os presentes foram comprados especialmente para a situação que se desenha e destoa da primeira afirmação do político, isto é, de que não poderia ir antes na casa do velho professor por conta de um compromisso sério. Assim, tudo parece estudado, como numa negociação. Evitar-se-ia o aborrecimento de um jantar em família e chegaria apenas no momento de seu interesse, na hora da música e do seu uísque.

A cena final do conto parece se dar num palco, ocorrendo como um espetáculo planejado nos mínimos detalhes. Enquanto a filha e a esposa se arrumam para o baile, o pai vai para o piano tocar uma música desconhecida do político. Em seguida a filha entra e realiza uma dança sensual, especialmente para o visitante rico.

— Já ouviu a “Bamboula” de Gottschalk, doutor?

— Não... Não conheço...

— Vou tocá-la.

Sentou-se ao piano, abriu o álbum onde estava a peça e começou a executar aqueles compassos de uma música negra de Nova-Orleans que o famoso pianista tinha filtrado e civilizado.

A filha entrou, linda, fresca, veludosa, de pano da Costa ao ombro, trunfa, com o colo inteiramente nu, muito cheio e marmóreo, separado do pescoço modelado, por um colar de falsas turquesas. Os braceletes e as missangas tilintavam no peito e nos braços, a bem dizer totalmente despidos; e os bicos de crivo da camisa de linho rendavam as raízes dos seios duros que mal suportavam a alvíssima prisão onde estavam retidos. (BARRETO, 1920, p. 58)

É preciso que retomemos o início do conto e façamos uma reflexão acerca do protagonista. Lembremos que após descobrirmos o lamento de Maximiliano em relação ao resultado do jogo do bicho, encontramos o velho professor pensando em sua filha que lhe surge sensual, “cheia de fúria sagrada de bacante”. Em seguida, o deputado comparece e eles conversam sobre o carnaval. O protagonista lhe conta sobre Cló, faz-lhe convites, lamenta o prejuízo na aposta que fizera no jacaré e depois recebe “uma bela nota” retirada da carteira do doutor André. Revela-se, então, que é ato rotineiro. Em casa, Maximiliano vai ao piano e possibilita a dança sensual de Cló. Visto assim, o dinheiro do deputado parece uma espécie de pagamento ou adiantamento para um ato permissivo do pai em relação à própria filha.

Após Cló dançar a “Bamboula”, de Gottschalk, seu irmão Fred resolve cantar uma modinha. Dona Isabel “acompanhou” e a moça cantou a “Canção da Preta Mina”.

Pimenta de cheiro, jiló, quimbombô;

Eu vendo barato, mi compra ioiô!

Ao acabar, era com prazer especial, cheia de dengues nos olhos e na voz, com um longo gozo íntimo que ela, sacudindo as ancas e pondo as mãos dobradas pelas costas na cintura, curvava-se para o dr. André e dizia vagamente:

Mi compra Ioiô!

E repetia com mais volúpia, ainda uma vez:

Mi compra Ioiô! (BARRETO, 1920, p. 59)

Assim, após uma espécie de permissão do pai, que, ao piano, autoriza a dança de sua filha para a deliberada sedução do político de “*pince-nez* de ouro”, toda a família se une para cantar a “Canção da Preta Mina”, dando prosseguimento ao mesmo acordo existente quando o pai perguntara sobre os interesses de Cló.

Vestida de “escrava desprezada”, a personagem canta a letra ambígua em que legumes são ofertados, mas o termo *me* sugere que a compra seja da própria vendedora, denunciando, por um lado, a situação social existente na Primeira República, mas, por meio da mesma situação, realizando um jogo ou uma negociação da moça sensual ao político rico. Mais do que na letra, é na linguagem corporal que se depreende o sentido agora vinculado à própria Cló, “cheia de dengues nos olhos”, curvada para o doutor André.

O comportamento do velho Maximiliano em relação à objetificação da mulher não deixa dúvidas. Mas é preciso considerar também que toda a família participa de um jogo que se revela uma negociação em que todos podem ganhar, ainda que tudo seja passível de crítica. Daí, por exemplo, a fala de dona Isabel que por um momento chegou a acreditar que as joias fanhadas fossem verdadeiras. Cló possui poucas falas no conto, mas são significativas. Já ponderamos que a primeira é justamente a pergunta sobre a visita do doutor André. Depois, ouvindo o irmão dizer sobre as moças que desfilam no carnaval e sonhando um pouco com a ideia de desfilar, pergunta se as mulheres ganham dinheiro desfilando. A pergunta é significativa e revela um olhar reificado ao qual o leitor pode juntar o “fraco senso moral” atribuído pelo pai. Por fim, Cló fala com o corpo, dançando a “Bamboula” e depois a “Canção da Preta Mina”, quando também repete o verso “Mi compra Ioiô”.

José Ramos Tinhorão (2005, p. 185-186) registra em seu livro, *Os sons que vêm da rua*, uma parte da canção “A preta mina”, de Xisto Bahia. Ressalta que é difícil dizer hoje se seu estribilho já pertencia ao folclore ou se sua introdução na cultura popular ocorreu posteriormente. Encontramos no artigo “Por uma discografia nordestina: 1902-1919”, de Caçapa, a gravação e a transcrição dessa letra que não coincide totalmente com a do conto de Lima Barreto.

Eu tenho uma namorada
Que é mesmo uma papafina
Lá na praça do mercado
Dizem logo: é preta Mina.

Laranjas, bananas
Maçãs, cambucás
Eu tenho de graça
Que a preta me dá

Em noites de frio
Que ela mais gosta
Estende por cima
Seu pano da costa

Mas quando ela ao longe me vê
Grita logo: Acugelê!
Vem cá, dengoso, vem cá
Diz-me no ouvido: Acubabá!
Acugelê, acubabá...
(CAÇAPA, 2017)

Embora as letras não sejam coincidentes, a aproximação entre elas é bem-vinda. É preciso lembrar que se situam em época polêmica quanto à ideia de direitos autorais e que essas canções muitas vezes eram elaboradas de forma coletiva, caindo no gosto da população e sendo recolhidas e recriadas livremente pelos compositores. As estrofes do meio, citadas por Tinhorão como estribilho, são formadas por pentassílabos e obedecem a um ritmo regular chamado de anfibráquico, iniciando com uma sílaba fraca seguida de uma forte para sem seguida termos duas fracas e outra forte. O mesmo ritmo ternário pode ser encontrado na letra da canção no conto “Cló”, se dividirmos os versos de um modo diferente.

*Pimenta de cheiro,
jiló, quimbombô;
Eu vendo barato,
mi compra ioiô!*

*Mi compra Ioiô!
Mi compra Ioiô!*

Assim, além dos elementos comuns às duas canções, a semelhança sonora é reveladora de que são letras participantes de um mesmo universo musical ligado à cultura popular do início do século XX.

A música, no conto de Lima Barreto, parece apontar para uma relação entre as personagens. A filha Cló identifica-se, assim, à música popular e, ao cantar e dançar “mi compra Ioiô”, realiza um apelo mais direto à figura do deputado. O pai Maximiliano, por sua vez, se identifica com a “Bamboula”, de Gottschalk, que o narrador nos informa se tratar de uma “música negra de Nova Orleans, que o famoso pianista tinha filtrado e civilizado”. O velho professor de música encontra-se, assim, no trânsito entre uma coisa e outra. Ao final da primeira parte, quando se afasta do carnaval de rua, pensou em continuar uma das canções que ouviu na boca dos carnavalescos, em “completá-la” e “a ária veio-lhe inteira, ao ouvido”. Tal qual o símbolo do jacaré, o personagem parece transitar entre dois universos, buscando trabalhar

a canção popular em algo que tivesse, em sua opinião, “regra e beleza”. Já o deputado André não emite opinião sobre a música e parece desinteressado, embora, a julgar pela posição social e pelo “*pince-nez* de ouro”, imagina-se, possa frequentar os salões refinados e os teatros. Sobre ele, não nos esqueçamos, o narrador registrou uma “fraca capacidade de abstração”, dentre outras coisas. Possui dinheiro e isso parece bastar à família de Cló. Ao terminar com o verso “Mi compra ioiô!”, repetido por Cló com volúpia, o conto não revela a continuidade da história dos personagens. Sem nem mesmo confirmar a relação entre eles, deixa o leitor suspenso e pensativo.

Visto pelo trânsito, o personagem Maximiliano perde as aparentes contradições que chamam a atenção numa primeira leitura. Sua aparente ingenuidade também esmaece e se desfaz. A perspectiva de alguém que busca transitar entre dois universos torna claro uma proposição que parece comum a toda a família: a de buscar uma ascensão social por vias que parecem pertencer ao campo da desordem, o que nos remete à dialética da malandragem, estabelecida por Antonio Candido como um trânsito entre a ordem e a desordem. Em obra que também possui a presença da cultura popular, “Cló” se mantém em perspectiva um pouco diferente, mas a associação é bem-vinda. O velho Maximiliano parece corresponder àquela visão de Lima Barreto registrada por Lilia Moritz Schwarcz, mencionada no início deste estudo, pela qual se enxerga uma impossibilidade de mudança social. É preciso, então, ao personagem, agir fora da ordem para buscar uma alternativa viável, mesmo que reprovável, em prol de uma melhoria socioeconômica da família.

Como buscamos mostrar, esse trânsito pode ser percebido na estrutura interna do conto. Está presente no nome do protagonista, que atrai a atenção do deputado para a imagem da própria filha, colocando-a em evidência e como parte de uma negociação. Está no tratamento afetuosos do nome Cló e nas roupas sedutoras que veste ao final, atraindo o movimento do personagem rico, que usa *pince-nez* de ouro e pode também transitar de seu patamar para outro mais baixo socialmente, fazendo-o de forma velada e engenhosa. Maximiliano transita entre as duas partes que compõe o conto, buscando o personagem rico e o conduzindo até a sua casa, onde Cló lhe escapa temporariamente, numa espécie de tauromaquia, de jogo sedutor de aproximação e distanciamento. Esse mesmo trânsito parece corresponder ao símbolo do jacaré, cujo habitat é misto e sua presença fascina, embora também inspire cuidado. Se o jogo do bicho não trouxe um alento temporário, o deputado garante ao protagonista um valor que lhe faz esquecer o jogo e colocar em evidência a lembrança da própria filha. Como numa negociação, o conto segue essa tensão e se estrutura desta forma. Na primeira parte, doutor André garante o pagamento para, na seguinte, assistir ao espetáculo sensual que a moça Cló lhe apresenta. Ao mesmo tempo que estrutura o conto, a dimensão da negociação, interna à narrativa, traz uma abordagem curiosa de Lima Barreto ao período da Primeira República, permitindo que o leitor também transite, refletindo acerca não só da importante questão moral envolvendo o deputado, mas também sobre um sistema social aparentemente moral,

mas predominantemente injusto, que preserva a riqueza de parte da sociedade e impede o trânsito de classes desfavorecidas a patamares superiores.

REFERÊNCIAS

ASSIS, M. Teoria do medalhão. In: **Papéis avulsos**. São Paulo: Martins Fontes, 2005, p. 85-98.

BARRETO, L. **Contos completos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

BARRETO, L. **Histórias e sonhos**. Rio de Janeiro: Gianlorenzo Schettino, 1920. Disponível em: https://digital.bbm.usp.br/bitstream/bbm/4786/1/001176_COMPLETO.pdf. Acesso em: 14 maio 2021.

CAÇAPA. Por uma discografia nordestina: 1902-1919. **Revista outros críticos**, 2017. Disponível em: <https://outros criticos.com/por-uma-discografia-nordestina-1902-1919/>. Acesso em: 20 maio 2021.

CANDIDO, A. Dialética da malandragem. In: **O discurso e a cidade**. 4. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2010, p. 17-47.

CHEVALIER, J.; GHEERBRANT, A. **Dicionário de símbolos**: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas. Tradução de Vera da Costa e Silva. 34. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2020.

FAUSTO, B. **História do Brasil**. 12. ed. São Paulo: Edusp, 2004.

LOYOLLA, D. do N. **Bagatelas e Marginália**: cultura intelectual e revide ao Poder nas crônicas de Lima. 2014. 198 f. Tese (Doutorado em Literatura). Programa de Pós-graduação em Literatura. Universidade de Brasília, Brasília, 2014.

SCHWARCZ, L. M. Lima Barreto: termômetro nervoso de uma frágil República. In: BARRETO, L. **Contos completos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p. 15-53.

SCHWARCZ, L. M. **Lima Barreto**: triste visionário. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

TINHORÃO, J. R. **Os sons que vêm da rua**. 2. ed. São Paulo: Ed. 34, 2005.

Recebido para publicação em: 9 jun. 2021.

Aceito para publicação em: 5 mar. 2022.